

São Paulo, 21 de dezembro de 2011

Caríssimo amigo Dr. PAULO SÉRGIO LEITE FERNANDES:

Cordiais saudações!

Com o coração cativo de seu obséquio, entro a disreterar da página virtual em que se ocupou de minha modesta figura.

Foi o caso que, da mesma forma que, na *Escola de Atenas*, se reuniam os discípulos ao pé de PLATÃO para ouvi-lo, estivemos os criminalistas, noite dessas, ao seu redor, no lançamento do livro *As Fabulações de um Velho Criminalista*.

Ali, para abraçá-lo e disputar-lhe, às cotoveladas, o precioso autógrafo, encontrava-se verdadeira legião de advogados da mais alta esfera profissional. Da gloriosa confraria dos que pelejam, sem tréguas nem quartel, na arena criminal, pude ver, além de outros (muitos outros!), ANTÔNIO CLÁUDIO MARIZ DE OLIVEIRA, ALBERTO ZACHARIAS TORON, ROBERTO DELMANTO, LUIZ FLÁVIO BORGES D'URSO, ANTONIO DI FRANCO NETO, FRANCISCO LOBO DA COSTA RUIZ, ADEMAR GOMES, TALES CASTELO BRANCO, ANTONIO RUIZ FILHO, LUIZ DE CARVALHO, FÁBIO DELMANTO, HÉLIO BIALSKI, NILSON JACOB, o Des. FÁBIO POÇAS LEITÃO...

Do preclaro autor não hei mister dizer palavra: somente o não estima (e isso, nas mais das vezes, em grau assinalado) quem ainda não teve a dita de conhecê-lo.

Afinal, dispensa toda a apresentação quem já alcançou notoriedade nacional com obras de grande cunho jurídico-literário, *v.g.*: *Na Defesa das Prerrogativas do Advogado* (3 vols.), *Nulidades no Processo Penal*, *Aborto e Infanticídio*, *Caranguejo-Rei*, etc. Tal sujeito, por força, pertence ao número daqueles para os quais a *Mesa Censória* — apreciando-lhes os livros antes de mandá-los imprimir, como era então uso — reservava a retrilhada fórmula: “*A melhor censura que se pode dar às suas obras é e será sempre o seu nome*” (*in Homenagem do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia ao Grande e Famoso Orador Padre Antônio Vieira*, 1897, p. 226). Ou esta:

“(...) *o seu nome é o seu maior panegírico*” (*ib.*, p. 47).

Atendendo a essas mui particulares circunstâncias, foi que lhe dediquei — como a paradigma da *íncita profissão* — o livrinho *Advocacia Criminal: Teoria e Prática*. Daqui por que me pareceu também de preceito inscrever-lhe o nome entre os maiores advogados criminalistas do Brasil, “*nos últimos 100 anos*”, sobre consagrar-lhe algumas páginas, com fotografia, no *Tributo aos Advogados Criminalistas* (pp. 58-60 e 231).

Confirmo-me, em suma, no justo conceito do mestre FLAMÍNIO FÁVERO, que lhe prefaciou o clássico *Aborto e Infanticídio*: “*digno dos maiores elogios*”.

Quero deter-me, agora, no parto mais recente de seu espírito: *Fabulações de um Velho Criminalista*. Li-o sofregamente e pretendo fazê-lo mais de espaço. Já estou em condições, porém, de poder afirmar, sem contradita honesta, que seu livro — ou se lhe considere o estilo, ou a infinita sequência dos vivazes e surpreendentes episódios — haverá de figurar entre os melhores

que, no gênero memorialístico, escreveram as penas mais bem aparadas dos discípulos de ENRICO FERRI. Impossível não se comprazer o leitor com *Fabulações de um Velho Criminalista* (“*rectius*”: *jovem de outrora*), que fez da banca de advogado tribuna de reparação do direito violado e cátedra da arte de bem escrever; livro em que a excelência das ideias e as centelhas da inspiração ajudam-se dos primores da forma, na melhor concepção machadiana.

O capítulo XXXV — em que se atribui à diligência de outrem a preservação do manuscrito do *Aborto e Infanticídio* — é dos mais belos do livro. Não fosse a providencial iniciativa daquela que recolheu piedosamente as folhas esmaecidas e dilaceradas do cartapácio, e estava perdida para sempre uma obra de alto preço. Teria sido o abortamento do “*Aborto*” (vênia pelo esquálido equívoco!).

A falar verdade inteira, constituem as *Fabulações* original e precioso escrínio de ricas surpresas e desafios que a vida (exuberante vida!) deparou a um egrégio varão, abalizado na arte de advogar e escrever.

Estou a concluir estas reflexões (acaso temerárias e heteróclitas, porém sinceras em extremo). Antes, contudo, de expedir o ponto final, hei de confessar que achei muita graça àquele passo do livro onde se faz caso e cabedal “*do terrível cacófato por cada*”, do SARAMAGO. Tem razão o meu douto Amigo! Aquela vara ou *por cada* abate o seu tanto o esplendor da página do laureado Nobel de Literatura!

Faz ao intento a anedota do mestre-escola português — pudibundo e preocupadíssimo com os vícios de linguagem —,

que saiu à luz da publicidade com o seguinte vade-mécum: *Como Evitar uma Cacofonia*.

Dessas depravações da língua venho amealhando, de longa data, um monte (*monturo* fora melhor dito) de exemplos, para possível ensaio. Haja vista estes:

1. Do divino ANTÔNIO VIEIRA: “O primeiro golpe foi a morte de el-rei D. Afonso; o segundo golpe foi a morte da rainha nossa senhora, ambos tão sentidos de Sua Majestade, e com tão particulares demonstrações, como o fedor o parentesco e o amor” (*Sermões*, 1959, t. XV, p. 380; Lello & Irmão – Editores; Porto).

2. Do melífluo MANUEL BERNARDES: “*Escapei do abismo do inferno*” (*Nova Floresta*, 1726, t. IV, p. 343).

3. Do genial CAMILO CASTELO BRANCO: “*O esboço é tudo*” (*Noites de Insônia*, 1874, vol. I, nº 3, p. 81).

4. ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO (“*O Sublime Cego*”) pôs fecho à tradução de *O Médico à Força*, de MOLIÈRE, com esta quadra:

“E eu lembro ao nobre auditório
que em dia assim de folgar,
já que escapei do oratório
não me devem enterrar” (2a. ed., p. 224).

CAMILO CASTELO BRANCO — afirma Álvaro Neves (*Notas à Margem*, 1916, p. 47) — “*sublinhou a última sílaba do escapei e a palavra do, e escreveu: Fechar uma comédia com um p. ... é original*”.

A benefício de inventário, não foram unicamente esses patrícios de SARAMAGO os que perpetraram o tremebundo cacófato: entre nós houve até uma revista (*Visão*, 9.7.54) que o trouxe na capa, em parangonas que desandavam a fartum. Eis o “*corpus delicti*” da infração das leis da gramática:

CR\$ 5,00

Visão

9 de julho de 1954

O "nec plus ultra"
do caoófato.

COMO ESCAPEI DO CÁRCERE VERMELHO

AÉREA

ARGENTINA	m\$	5,00
ALEMANHA	B	70,00
ÁFRICA		\$20,00
COLÔMBIA		\$0,50
COSTA RICA	C.	1,50
CUBA		\$0,15
DOMINICANA		\$0,20
HONDURAS	S.	3,00
EL SALVADOR	C.	0,50
E. U.		\$0,25
ESPAÑA	Ptas.	10,00
HAITI	G	1,25
GUATEMALA	G	0,20
HONDURAS	L	0,40
ITALIA	L	1,50
MEXICO		\$1,50
NICARÁGUA	C.	1,25
PANAMA	B.	0,25
PARAGUAI	G.	3,00
PERU	B.	3,00
PORTUGAL	E.S.	6,00
PORTO RICO		\$0,50
URUGUAI		\$0,40
VENEZUELA	Bs.	1,00
Z. DO CANAL		\$0,25
VOL. 5	NO. 1	

(Veja-se Suplemento Especial, pgs. 18-27)

À derradeira, fite os olhos no cartão florido (que comprei, faz décadas, numa banca de jornais instalada no calçadão da *Doceira Paulista*, esquina da Rua Quintino Bocaiúva e Rua Benjamim Constant, nesta Capital)



e nele poderá ler, além do consolador versículo do *Salmo 92* (“*O justo florescerá como a palmeira; crescerá como o cedro do Líbano.*”), uma pancárpia de margaridas; em suas pétalas, debaixo de caracteres brancos, a palavra COCÔ. Maravilhosa “obra” da Natureza!

Aqui, deveras, faço ponto!

Às vésperas do Natal, receba, querido PAULO SÉRGIO, os votos de muita felicidade e saúde (com efeito extensivo à sua musa DIONE e filhos) e o afetuoso amplexo do menor e mais obscuro de seus amigos e admiradores.

Carlos Biasotti
CARLOS BIASOTTI